

# HUGO ALMEIDA PROMETE “FAZER O MÁXIMO DE GOLOS” PELA BRIOSA



DB-Pedro Ramos

Em entrevista ao DIÁRIO AS BEIRAS, o avançado disse que a família pesou na decisão de jogar pela Académica, apesar de ter propostas da 1.ª Liga >Pág 18

www.asbeiras.pt

DIÁRIO **as beiras** [/diarioasbeiras](https://www.facebook.com/diarioasbeiras) 73 405

SEXTA 27 jul. 2018 0,70 C (IVA incluído)

edição n.º 7556

nesta edição **especial** Antiga Rainha das Praias de Portugal continua a marcar gerações de portugueses

diretor: Agostinho Franklin



**Expofacil quer público e expositores mais satisfeitos**

Feira festa de Cantanhede foi ontem inaugurada pelo secretário de Estado da Agricultura, Luís Vieira. Milhares de pessoas esperaram na entrada principal pelo tradicional corte da fita >Págs 4 e 5

DB-Pedro Ramos



**Lousã Câmara exige transportes alternativos de qualidade** >Pág 13

**Economia NERC critica retirada de horários da CP** >Pág 21

**Coimbra Ministério Público investiga tentativa de violação nos Jogos Europeus Universitários** >Pág 3

**Figueira da Foz Águas da Figueira instala 14 novos bebedouros** >Pág 11

DB-Pedro Ramos

**Aterro das areias do rio Mondego preocupa Quercus**

Presidente da câmara Manuel Machado fala em situação temporária para regularizar o rio na zona de Ribeira de Frades >Pág 6



**Gente Curador Paulo Trincão explica a dimensão internacional da exposição "Titanic"**

>Caderno de 8 páginas

**Exposição do Titanic tem uma dimensão internacional**

**gente**

Paulo Trincão, curador da exposição "Titanic", explica a dimensão internacional da exposição. A exposição "Titanic" está a ser montada em Coimbra, em Portugal, e será inaugurada em 2019. A exposição será a primeira de uma série de exposições que a Câmara Municipal de Coimbra irá organizar.

EXPOH arena Oliveira do Hospital até ao próximo domingo >Pág 5

Câmara de Coimbra: 3.ª Hotel açougueira fecho municipal >Pág 5

**a nossa opinião, hoje, no Diário As Beiras**

**"Metamorfoses"**

António Augusto Menano

**Perdas**

Serpa Oliva

**Ninguém está a salvo**

Bruno Paixão

**Mais (uma) praia fluvial**

Adelino Gonçalves

**"I am AM!!!"**

Tiago Mariz

**Bruno Paixão**

Investigador em comunicação política



## Ninguém está a salvo

É tremendamente inquietante a entrevista a Brittany Kaiser, uma das denunciadas do caso Cambridge Analytica, empresa onde trabalhou. Ela clarifica o que há muito se teme: “Não acho que haja alguém que tenha um computador, um telemóvel ou uma conta numa rede social que vá conseguir, alguma vez, ter todos os seus dados de volta”. E acrescenta: “Nunca vamos poder dizer que alguém que vive no mundo moderno e utiliza tecnologia vá ser capaz de ter a sua privacidade de volta”.

Brittany Kaiser não é neste setor uma pessoa irrelevante. E o que diz jamais pode ser visto como uma mera opinião. Ela é nada-mais-nada-menos que uma das peças-chave na informação que o The Guardian e o The New York Times deram ao mundo assegurando que a empresa tinha recolhido indevidamente os dados de perfis de Facebook de cerca de 87 milhões de pessoas (mais de 63 mil eram portugueses) para ajudar a eleger Donald Trump nas eleições de 2016. Curiosamente a mesma empresa que usou a sua intervenção para influenciar o referendo que conduziu ao Brexit e colocou a diplomacia europeia em guerra.

Uma das ideias mais alarmantes do seu testemunho é a noção de que a privacidade se tornou definitivamente um mito. Não há lugar onde alguém possa refugiar-se sem ser visto ao microscópio. Brittany Kaiser afirmou que “rastrear o comportamento das pessoas é uma prática comum, é um negócio avassalador e a utilização das redes sociais e da própria Internet possibilitam que isso aconteça”.

Os dados, que parecem ter-se convertido na pedra filosofal da modernidade, chegaram com a esperança de unir pessoas, história e ideias, como no fundo expressou o filósofo e matemático Bertrand Russell na sua obra “Misticismo e Lógica”. Porém, se a tecnologia e as redes sociais trouxeram essa expectativa, com baixo custo e com rapidez, hoje constata-se que ao invés de nos ligarem estas ferramentas dividiram-nos.

A pegada que deixamos em cada clique, numa compra, na utilização de um cartão, numa visualização, no acesso a um site, no preenchimento de um formulário, tudo isso se reproduz em milhares de milhões de cópias e, como refere Kaiser, é irremediável, já não há forma de reavê-las, deixam de ser propriedade de cada um. A modernidade indica-nos no horizonte o fim da privacidade, mesmo contra os esforços empenhados da regulamentação, que vem sendo ultrapassada pela voragem dos acontecimentos. Ao que tudo indica, corremos o risco de as próximas gerações precisarem de ir ao dicionário para saber o que raio significa privacidade. Por outro lado, aquilo que detinhamos como nosso, a nossa identidade e a nossa propriedade, deixaram também de nos pertencer. Isto é apenas a ponta do icebergue.

Embora haja megaempresas a capturar dados dos indivíduos a partir das redes sociais e da Internet, e a fazer com isso negócio, elas não são as únicas responsáveis pelo estado selvagem que se instalou. Neste campo, as leis e a regulação deviam proteger melhor as pessoas. Na Europa deu-se um passo no sentido de os cidadãos terem de autorizar a recolha de dados e para que fins o fazem. Mas estamos a assistir a uma avalanche de pedidos de consentimento que caem nos nossos e-mails e, arditosamente, a condicionarem a utilização de serviços apenas e só se aceitarmos essa mesma recolha.

Há ainda um longo caminho a percorrer. Embora os factos nos mostrem que quando a lei se adaptar às mudanças na sociedade impostas pelas tecnologias, já estaremos noutra patamar, em que as empresas copiosamente mandam nos Estados. E isto não é mera ficção científica.

O Diário As Beiras disponibiliza diariamente a cada uma das forças políticas presentes na Assembleia Municipal de Coimbra um espaço de opinião com 3000 caracteres, incluindo espaços

**Adelino Gonçalves**

CpC | Professor da Universidade de Coimbra; Movimento Cidadãos por Coimbra



## Mais (uma) praia fluvial

Errática. É a forma como são programados os investimentos municipais por esta autarquia. Primeiro, vem uma ideia a público, depois “logo se vê”. Vejamos dois exemplos: o Coimbra International Airport e as praias fluviais.

No primeiro, a ideia foi desenhada à “mão levantada” pelo presidente da CMC como bandeira de campanha autárquica, sem que (se) soubesse se era viável, ou seja, foi desenhada apenas e só como uma “ideia gira” para a cidade e, quiçá, para a região. Finda a campanha e iniciado o mandato, lá se soube que existiam uns estudos para o efeito na CMC, mas são se sabia onde paravam. A custo foram encontrados e serviram para dizer que têm de ser revistos. Pois bem, a obra esteve para avançar de imediato antes disso, a sua localização já passou a ser Monte Real e neste momento logo se verá quando e onde vai ser.

O segundo caso é a “praia” do presidente da CMC e um postal ilustrado do seu modelo de governação: não ser como as águas do rio e não ter uma direção nem um sentido para os investimentos na cidade. Para este presidente, fazer uma praia junto ao Choupal ou fazê-la no Rebolim é a mesma coisa. O que (lhe) interessa é ter uma praia mais próxima da cidade, para poder dizer que é uma praia fluvial urbana, mesmo não o sendo. Mesmo não oferecendo nada diferente do que é oferecido há anos pela (sucessivamente premiada) praia de Palheiros e Zorro. Para este presidente, o que interessa é ter outra praia. Mais uma, rio abaixo. Mesmo não sabendo para quem e não dizendo quais são as características vantajosas que o Rebolim tem, se comparado com outros setores das margens do Mondego, claramente urbanos. Mesmo não dizendo qual será o conceito que estará na base do seu projeto e mesmo sem assegurar que, por ser um investimento público, o projeto será objeto de concurso público ou desenvolvido com a participação da população.

Numa das primeiras ações de campanha para as autárquicas de 2017, o CpC trouxe a público uma visão para a cidade defendida há muito: a sua recentragem no rio. Defendeu esse conceito, como continua a defender, entendendo que os investimentos no Mondego devem constituir fatores de estimulação económica, reforço da coesão social e (re)qualificação paisagística e ambiental da área central da cidade.

Nessa altura defendeu-se uma praia fluvial, mas claramente urbana. Um espaço que valesse pelo usufruto e pela sociabilização que poderia proporcionar, com base em características diferenciadoras. O mote era o Mondego, mas o objetivo não era (apenas) mais uma praia fluvial. Era a criação ou requalificação de espaço público com relação direta com o rio para que quem quisesse fosse a banhos, porque o que a cidade precisa não tem resposta por via da quantidade, mas tão só por via da qualidade. Não é “mais uma praia”, mas sim “mais praia” que Coimbra precisa. Mas, infelizmente, a criatividade e o discurso da qualidade são desconhecidos por estes autarcas. A começar pelo presidente.

Temos pena!

**Tiago Mariz**

CDS-PP | Deputado Municipal do CDS-PP na Assembleia Municipal de Coimbra



## “I am AM!!!”

A Assembleia Municipal deveria ter, na prática do poder local, a dignidade e o relevo político que tem a Assembleia da República.

Diz a Constituição que as autarquias têm uma assembleia com poderes deliberativos e um órgão executivo colegial perante ela responsável» e na lei do regime jurídico das autarquias o principal órgão representativo do município é a AM. A Constituição nunca refere o presidente da câmara.

A AM é o órgão autárquico de maior representatividade democrática e o que tem as competências mais importantes na vida do Município. Além da competência para aprovar os diplomas e os planos mais importantes para a vida local, pertence à AM um vasto poder de fiscalização da ação da Câmara, dos serviços municipalizados e de quaisquer outras entidades dependentes do município.

Neste panorama, entristece constatar a permanente secundarização da nossa AM de Coimbra: é impossível os deputados fazerem um trabalho consistente, sério e proveitoso com sessões de dois em dois meses (a lei possibilita muitas mais sessões por ano, assim os grupos parlamentares se organizem para tal), sem apoio técnico e administrativo, recebendo da câmara a documentação em cima da hora, sem tempo útil para a apreciarem. Apesar de o seu regimento o permitir, nunca foram instaladas em concreto as comissões de especialidade, que poderiam ser uma forma de trabalhar aprofundadamente entre as sessões da AM.

A AM continua a reunir no salão nobre do Município, quando poderia fazê-lo noutras espaços, mais adequados desta cidade, evitando que o senhor Presidente e os senhores vereadores com pelouros andem sempre a sair da sala para ir ao gabinete tratar do expediente ...

Permitiria igualmente uma maior presença do público, que não se reduza a quatro ou cinco cadeiras vazias... e uma maior publicidade das sessões, com todas as vantagens que advém desse acréscimo de transparência.

Lisboa vai gastar um milhão de euros por ano em salários para assessores da AM, até 2021.

De acordo com a proposta de apoio técnico aos grupos políticos na AM cada assessor a tempo inteiro tem um salário mensal de 3.700 euros e uma secretária 2.800 euros. Visa-se «garantir aos eleitos meios, recursos técnicos e humanos, de modo a garantir o adequado desempenho do seu mandato», para que «todos os grupos representados disponham de meios ajustados à concretização das suas competências a bem da cidade, dos que nela habitam e dos que nela trabalham».

Nós cá em Coimbra, como no resto do país, não temos dinheiro para isto. Só o facto de Lisboa beneficiar, neste capítulo como em tantos outros, de um regime excecional em matéria de finanças públicas, torna possível este luxo. Mas a intenção é louvável. Tenho pena de constatar que os Deputados Municipais de Coimbra, de uma ponta à outra do espectro político, não se consigam entender para instituir algumas medidas de dignificação e de aumento da eficácia de trabalho da AM. Eles, que têm uma legitimidade política democrática maior que a do Presidente da Câmara!